

# Guerra híbrida não existe

## A História prova

*Cesar Campiani Maximiano\**

A ideia de guerra híbrida é uma das mais recentes falácias que polui o pensamento militar da atualidade. Trata-se de mais um arremedo explicativo para quem criou o péssimo hábito intelectual de interpretar guerras pelos contextos táticos e, quando muito, operacionais. Surgida no seio de algumas análises da OTAN, a proposição nem mesmo é consenso naquela força, tendo suscitado refutação sólida o suficiente para que seja, no mínimo, analisada com mais seriedade, e, na melhor das hipóteses, abandonada de vez.<sup>1</sup> A própria história militar brasileira recente já basta para afastar essa ideia, que posa de pretensa mudança na natureza da guerra. Para quem está familiarizado com a reflexão de Clausewitz sobre a guerra, nem mesmo as mais ousadas peripécias russas da última década representam sequer alteração em suas *características*.

Apesar de sua importância na história militar do Brasil, a experiência nacional na Segunda Guerra não tem recebido a atenção merecida. Em tempos de novas classificações, conceitos e qualificações elaborados sobre os futuros tipos de guerra a serem enfrentados, quase sempre de validade duvidosa, a campanha da Força Expedicionária Brasileira na



Figura 1 – *Partigiani* italianos da Brigada Garibaldi  
Fonte: //estrategiaedefesa.com.br<sup>2</sup>

Itália permanece solidamente servindo de referência para estudo para uma variedade enorme de situações complexas e dificuldades enfrentadas que não tiveram precedentes — o que costuma ser o caso em cada nova guerra.

É difícil negar que o papel da FEB na Itália seja pouco conhecido do ponto de vista militar. Nas escolas de formação, de aperfeiçoamento e nas de mais alto nível, são salientados os desafios táticos vivenciados pelos pelotões, companhias e batalhões, es-

\* Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da USP. Escritor e pesquisador independente. Lecionou no Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares e nos Cursos de Altos Estudos Militares da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (2012-2013).

pecialmente no que diz respeito às manobras, com alguma atenção secundária para os aspectos envolvendo a combinação das armas. Esses conteúdos são frequentemente tratados no âmbito das operações mais célebres, coincidindo com aquelas que acabaram por gerar datas comemorativas, como a conquista de Monte Castello e Montese, e o cerco das grandes unidades alemãs e italianas em Fornovo.

O dia a dia das operações da FEB, contudo, foi muito mais complicado (para não falar até mesmo *mais parecido* com a guerra contemporânea) do que esses exemplos de combate ofensivo que são conhecidos de sobejo.

Desde o início dos anos 90 até hoje, uma gama de novos termos vem sendo empregada para classificar as dimensões táticas observadas nos conflitos históricos recentes. Alguns foram rapidamente abandonados, como o “conflito de baixa intensidade”; outros, como a “guerra de quarta geração”, dispuseram de sobrevida um pouco mais longa. O termo da moda parece ser a “guerra híbrida”.

E o que vem a ser isso, segundo seus proponentes? Uma das mais desenvolvidas e argumentadas apresentações da ideia pode ser lida no DefesaNet.

Paira a pergunta:

*Mas, afinal, o que é a guerra híbrida?*

Ela é logo respondida no texto acima citado, do qual destaco o seguinte trecho:

Pode-se cogitar de um conflito no qual os atores, Estado ou Não-Estado, exploram todos os modos de guerra simultaneamente, empregando armas convencionais avançadas, táticas irregulares, tecnologias

agressivas, terrorismo e criminalidade visando desestabilizar a ordem vigente.<sup>3</sup>

Essa afirmação suscita outra pergunta: a combinação dessas características já não teria sido constatada em situações prévias de guerra, nas quais nem se cogitou formular novas conceituações e definições para interpretar os eventos então enfrentados?

Outra elaborada explanação sobre os fundamentos da “guerra híbrida” está disponível em português, traduzida do inglês, no site Dinâmica Global.

Uma das maneiras em que podemos entender a guerra híbrida é como aceitar, *prima facie*, esta mistura diversificada de tipos de guerra que, em termos de Wittgenstein, se sobrepõem e se cruzam. A guerra híbrida, então, pode consistir, de forma seletiva e às vezes simultânea, em perseguir (ou evitar) todas e quaisquer possíveis formas de guerra em todo o espectro do conflito.

Dado o escopo abrangente da guerra híbrida, os recursos de um grande estado-nação industrializado seriam uma condição necessária para travar a guerra híbrida, e isto distingue claramente a guerra híbrida da guerra irregular, partidária, ou não convencional no sentido estrito. Apenas as entidades não estatais mais bem-sucedidas e bem financiadas poderiam aspirar à gama de operações implícitas pela guerra híbrida, e, na medida em que uma das características essenciais da guerra híbrida é a utilização coordenada das forças regulares e irregulares, a não entidade estatal sem forças regulares não estaria, por definição, em posição de combater a guerra híbrida. Mas seria um erro, como podemos ver, ficar muito preso nas definições.

Como podemos ver, tentando responder à pergunta: “Qual é a guerra híbrida?” (Mui-

to menos, “o que é a guerra?”), uma série de questões são levantadas que só poderiam ser tratadas adequadamente por um tratado de comprimento Clausewitziano. Talvez o próximo grande trabalho sobre a filosofia da guerra vá sair deste ambiente de conflito híbrido. (ENTENDENDO A GUERRA HÍBRIDA, 2016)<sup>4</sup>

Adicionalmente, a OTAN se encarregou de elaborar uma definição para a “guerra híbrida”, que não parece ter levado em consideração os precedentes históricos:

Uma ameaça híbrida é aquela oferecida por qualquer adversário atual ou potencial, incluindo estatais, não estatais e terroristas, com a capacidade, seja ela comprovada ou provável, de empregar simultaneamente meios convencionais e não convencionais de maneira adaptável, na busca de seus objetivos.<sup>5</sup>

Foi o que bastou para a definição de “guerra híbrida” alcançar alguma popularidade no material escrito sobre Defesa aqui no Brasil.

A literatura sobre guerra e estratégia tem contado com poucos textos esclarecedores desde a elaboração dos grandes clássicos do século XIX. O simples teste de perguntar “esta nova definição é útil?, ela realmente ajuda?” pode salutarmente ser aplicado a cada nova discussão emergente sobre as mudanças e possíveis inovações que os analistas, a cada geração, declaram ser capazes de observar nas guerras. O fato é que, comumente, inúmeras conceituações estreantes não só não ajudam, elas justamente *confundem*. Em seu capítulo no livro *Rethinking the Nature of Warfare*, M.R.L. Smith foi capaz de expressar cabalmente a inutili-

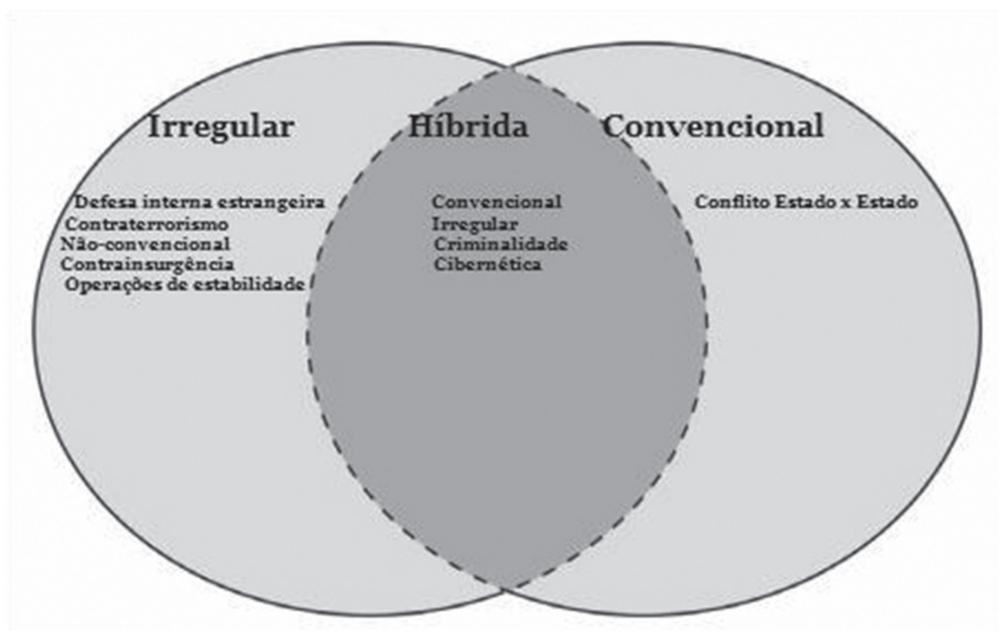


Figura 2 – O conceito de guerra híbrida

Fonte: Hybrid Warfare<sup>6</sup>

dade de algumas delas, como a de LIC (*low intensity conflict*). Mesmo em uma situação de combate supostamente “de baixa intensidade”, um grupo de combate (GC) moderno age e opera da mesma maneira que seus precursores do início do século XX. De fato, um GC organizado e treinado nos padrões da Primeira Guerra Mundial seria perfeitamente capaz de entender situações táticas contemporâneas e atuar no combate moderno. E isto, apesar de ter sido concebido no contexto de uma das mais mortíferas guerras de atrito já enfrentadas pela humanidade. Do ponto de vista de quem opera no espectro tático, um conflito de “baixa intensidade” pode ser tão letal quanto qualquer outro.

Esta comparação, sobretudo, é ainda superficial: se as dificuldades táticas podem ser mais ou menos graves, elas pouco dizem sobre questões subjacentes de natureza política que podem rapidamente fazer com que um conflito com um número relativo de baixas se transforme em um verdadeiro sumidouro de combatentes. “Baixa intensidade” é um adjetivo eufemístico que incorre no perigo de subestimar a gravidade e a complexidade de uma crise. A ideia de *low intensity conflict* cai por terra: empregar o conceito é interpretar conflitos por seu contexto tático, e não a partir de considerações sobre suas origens históricas, geográficas, étnicas, culturais, sociais e econômicas — enfim, *políticas*.

Como explica a própria conceituação dos proponentes da “guerra híbrida”, esta é primordialmente o recurso dos beligerantes que apresentam maior grau de efetividade militar (conceito aprimorado nos anos 80

por Millett e Murray, que expressa uma das mais válidas contribuições para o debate sobre estratégia). Recordando a explanação oferecida pelos proponentes da “guerra híbrida”, somente as nações altamente industrializadas e desenvolvidas seriam capazes de se valer da enormidade de recursos que possibilitem operar em tão diferentes “espectros”. Se nos for permitido converter essa ideia de “alta industrialização” para um conceito mais consistente, como o da efetividade militar, podemos imaginar o seu suprassumo no desempenho Aliado dos anos finais de 1944 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial. “Efetividade militar” é simplesmente a capacidade de transformar recursos em poder de combate.

Embora apregoados pelos arautos das novidades na discussão militar, *todos* os requisitos para se definir que uma “guerra híbrida” esteve em curso podiam ser observados no período final da Campanha da Itália. Participante naquele teatro de operações, a FEB não ficou de fora do envolvimento em inúmeros contextos operacionais já assinalados em conflitos prévios, mas que só agora parecem ter chamado a atenção de analistas e especialistas. Pode ser dito que o XV Grupo de Exércitos combateu em uma guerra híbrida, embora não se tenha preocupado em identificar nominalmente a recorrente mudança de condições com que os comandos deparavam a cada instante.

Ao longo dos anos de 1943 até 1945, o XV Grupo de Exércitos precisou se adaptar recorrentemente, desenvolvendo capacidades para lidar com as mais diver-

sas características da guerra. Em termos sucintos, a Campanha da Itália envolveu:

- emprego de forças especiais para fomentar a insurreição na retaguarda alemã, como as ações do SOE e OSS em operações combinadas com forças irregulares;
- generalizado emprego de forças irregulares em apoio às operações regulares, incluindo ataques da FEB à Linha Gótica;
- acirrada campanha de guerra psicológica, com ampla aplicação de *black propaganda* voltada para as grandes unidades alemãs, em especial a 232ª Divisão de Infantaria, conduzida pela OSS;
- operações psicológicas conduzidas pelo *Psychological Warfare Branch* do *Allied Military Government*, visando a preservar o moral dos combatentes assim como sua saúde mental, intensamente agredida pelos longos períodos passados no *front*;
- contrapropaganda e propaganda direcionadas ao inimigo foram tão comuns na Itália a ponto de se tornarem banais, bastando ver a quantidade de panfletos de guerra psicológica disponível em qualquer museu mantido por veteranos da FEB;
- governo militar supervisionando o esforço de reconstrução nacional e, concomitantemente, a preservação do patrimônio cultural italiano;
- desenvolvimento de capacidade de relacionamento com culturas diferentes, dada a presença de vinte e sete nacionalidades distintas operando sob um mesmo comando unificado;
- guerra estática de posição similar às condições da Primeira Guerra Mundial, no inverno de 1943-44 e novamente em 1944-45;
- necessidade constante de readaptação tática e instrução permanente devido à entrecortada geografia da península, pois a guerra de montanha foi um fator desconhecido para muitas forças, mesmo que não fosse novo em si no fenômeno da guerra;
- perspectivas estratégicas gravemente diferentes no seio da coalizão anglo-americana, em virtude dos interesses dos primeiros em deslocar o epicentro da guerra para longe do noroeste europeu, e, por parte dos segundos, em aproveitar o êxito da ofensiva na mesma região do continente;
- nem todas as condições desfavoráveis eram devidas à dinâmica com o inimigo: até mesmo o prepadíssimo Exército Americano enfrentou problemas de incompatibilidade entre seu preparo logístico e o ambiente operacional, envolvendo invernos muito rigorosos e terreno que interrompia a continuidade da cadeia logística;
- limitação do poder destrutivo à disposição do comando Aliado em face da grande possibilidade de afastar a população italiana de sua causa em função de bombardeios de áreas urbanas;

- frequente ocorrência de combates em localidades;
- aliança com organizações criminosas locais para facilitar operações na retaguarda alemã, em especial durante a invasão da Sicília.

Tudo isso parece complexo o bastante para continuarmos chamando a Segunda Guerra Mundial de conflito ultrapassado e desprezar a vasta experiência em guerra moderna adquirida pela FEB na Itália?

Todas essas características da guerra acima elencadas são úteis para o estudo das operações militares modernas a partir de um ponto de vista genuinamente brasileiro.

Foi percebida a necessidade de tipificar essa variedade de contextos? Como os registros mostram, não: tratava-se simples-

mente das inúmeras características possíveis de existir no caótico e complexo universo de uma única e mesma *guerra*.

Havia uma boa razão para tanto: para o comando Aliado, era autoevidente que os problemas militares não se limitavam a questões inerentes ao campo de batalha; muito menos circunscritas aos principais beligerantes regulares. Repartir o conflito em subclassificações não faria sentido algum. Afinal, estabelecer uma diferença artificial entre um confronto militar convencional e uma hipotética “guerra híbrida” pode conduzir a graves erros analíticos, como a crença de que um adversário regular seja incapaz de se valer de uma estratégia multifacetada, algo que os senhores da guerra no século XX parecem ter compreendido bem melhor do que a nossa geração. 🌐

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

<sup>1</sup> <[www.nato.int/docu/review/2015/Also-in-2015/hybrid-modern-future-warfare-russia-ukraine/EN/](http://www.nato.int/docu/review/2015/Also-in-2015/hybrid-modern-future-warfare-russia-ukraine/EN/)>.

<sup>2</sup> <[//estrategiaedefesa.com.br/2017/09/141/](http://estrategiaedefesa.com.br/2017/09/141/)>.

<sup>3</sup> ARANHA, Frederico. **Guerra Híbrida**: Breve Ensaio. Defesanet. Brasília: 30 de Abril, 2015. Disponível em: <[www.defesanet.com.br/doutrina/noticia/18978/GUERRA-HIBRIDA-%E2%80%93-Breve-Ensaio-/](http://www.defesanet.com.br/doutrina/noticia/18978/GUERRA-HIBRIDA-%E2%80%93-Breve-Ensaio-/)>. Acesso em 22/09/2017.

<sup>4</sup> Entendendo a guerra híbrida: Uma análise explicativa, traz a definição de guerra, não-guerra e tipos de guerra. Dinâmica Global. 31 de agosto de 2016. Disponível em: <[//dinamicaglobal.wordpress.com/2016/08/31/entendendo-a-guerra-hibrida-uma-analise-explicativa-traz-a-definicao-de-guerra-nao-guerra-paz-e-tipos-de-guerra/](http://dinamicaglobal.wordpress.com/2016/08/31/entendendo-a-guerra-hibrida-uma-analise-explicativa-traz-a-definicao-de-guerra-nao-guerra-paz-e-tipos-de-guerra/)>. Acesso em 22/09/2017.

<sup>5</sup> NATO Military Working Group (Strategic Planning & Concepts), February, 2010.

<sup>6</sup> United States Government Accountability Office (GAO). **Hybrid Warfare**: Hybrid Warfare Briefing to the Subcommittee on Terrorism, Unconventional Threats and Capabilities, Committee on Armed Services, House of Representatives. September 10, 2010. Disponível em: <[www.gao.gov/assets/100/97053.pdf](http://www.gao.gov/assets/100/97053.pdf)>. Acesso em 22/09/2017.